



Ambrósio de Carvalho Sousa (Mestre Ambrósio)

ENTREVISTA E009 — MESTRE SANFONEIRO E PATRIMÔNIO VIVO DO REISADO

Entrevistado(a): Ambrósio de Carvalho Sousa — Mestre Ambrósio

Função no Reisado: Sanfoneiro, pagador de promessa, mestre da tradição e incentivador de novos participantes

Idade: 72 anos

Comunidade/localidade: Boa Hora-PI; nasceu e iniciou sua trajetória no Reisado na localidade Poço Redondo, às margens do Rio Longá

Data da entrevista: 16/05/2026

Local da entrevista: Residência do entrevistado

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira

Forma de registro: áudio e vídeo.

Duração: 25 minutos

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve: A fala aborda a trajetória de Mestre Ambrósio no Reisado de Boa Hora, destacando sua experiência como sanfoneiro, pagador de promessa, guardião da memória da festa e referência na transmissão da tradição às novas gerações.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Estamos aqui com o senhor Ambrosio, ele que vai nos conceder, um pouco de informação sobre o Reisado, ele que já ficou meio de Reisado, já pagou promessa, é considerado patrimônio vivo pelo governo do estado e tem uma grande história de luta e de participação no Reisado de boa hora, é uma família muito tradicional de Reisado, e a gente está aqui hoje para conversar com eles, para ele passar algumas informações que é muito importante para uma pesquisa, nosso mestrado profissional de História da Universidade Estadual do Piauí. Senhor Ambrosio, gostaria que o senhor se apresentasse aqui para a nossa pesquisa.

Mestre Ambrósio - Com fé em Deus, eu estou aqui presente, aqui com um amigo aqui do meu lado que veio fazer essa entrevista com a gente e eu estou aqui para esclarecer alguma coisa que ele me perguntar, estou pronto.

Lenildo - Então, a gente vai começar com a sua história de vida, saber onde o senhor nasceu e se criou, como era a vida quando o senhor era mais jovem.

Mestre Ambrósio - Quando eu era mais jovem, porque eu não nasci aqui na boa hora, eu nasci lá do outro lado do Rio Longar, chamado Poço Redondo, e aí lá, lá foi onde eu nasci, me criei, comecei a trabalhar lá nesse local, o primeiro ano de Reisado que eu trabalhei foi lá, mesmo que eu fui pagando uma promessa minha mesmo que eu tinha feito, e aí eu paguei já lá, na beira do Rio Longar, chamado Poço Redondo, eu comecei minha história lá.





Lenildo - Muito bem, quando e como o senhor entrou, o Reisado entrou na sua vida, quem foi que o ensinou, incentivou a participar do Reisado?

Mestre Ambrósio - Ninguém me ensinou, porque quando naqueles tempos para trás, o Reisado não era como é hoje, o Reisado era difícil, às vezes tinha um Reisado aqui na boa hora, tinha um lá do outro lado na minha terra, era difícil até para a gente ver, e aí eu tinha aquele conceito de querer acompanhar, às vezes meu pai não deixava, de eu ser pequeno ainda, mas eu tinha aquele desejo muito grande, de acompanhar o Reisado, e até aprender alguma coisa para mim entrar no mundo do Reisado, e até que sempre, graças a Deus, eu consegui.

Lenildo - Como é que era o Reisado naquele tempo?

Mestre Ambrósio - Naquele tempo, o Reisado era muito diferente de hoje, porque você programava um Reisado, o Reisado só era programado a partir do mês de novembro, não era como hoje. Hoje, quando dá do mês de junho para frente, já tem muito treino, já programando, já fazendo aquele movimento do Reisado, e naquele tempo não tinha. Então eles programavam o Reisado no mês de novembro, aí todo mundo, aqueles companheiros só se encontravam no dia 25 de dezembro, que era para fazer aquele ajuste do Reisado. E a diferença do Reisado de antigamente para hoje, é porque o Reisado de hoje anda de carro, naquele tempo o Reisado não andava de carro. Se você morava lá onde eu morei, do outro lado do rio, para vir aqui para a Boa Hora, você tinha que sair de lá quatro horas da tarde, a pés, com dois jumentos, um com a carga de jacar e outro com o butiquim, que o jacar era para botar alguma coisa que ganhasse, um legume, uma coisa, e a outra era um bicho de couro para botar o butiquim dentro, aí vinha de lá para cá, todo o tempo a pés, não existia carro para ninguém.

Lenildo - Sr. Ambrosa, você é um sanfoneiro, acho que um dos mais velhos e ativo ainda, tocando há muito tempo, desde que eu conheço, acho que todos os Reisados o senhor tocou, não lembro de não ter visto o senhor tocando, como foi que o senhor aprendeu a tocar sanfona?

Mestre Ambrósio - Porque eu tinha muita vontade de aprender, e aí, quando eu de novo, meu pai não deixou, porque naquele tempo as condições eram poucas mesmo, porque você só aprende um arte se você comprar o material, para ficar tentando, e aí eu falei para meu pai e ele disse que não, que não dava certo, não sei o que, também ficou, aí eu me casei, fui produzindo família, aí quando foi em 79, eu já apulumado, meus filhos já estavam quase todos nascidos, mas já mais apulumado do meu viver, que toda a vida eu fui lutador, trabalha de roça, pescava no rio, vendia peixe, e aquela luta não me aquietava não, como hoje, estou velho, mas ainda enfrento muita coisa, e aí eu me lembrei novamente, veio aquele sentido, aí eu fui comprar uma safona. Comprei uma safona, fiquei tentando a mulher ainda achou ruim: “disse a rapaz, depois de velho, isso aí era quando era novo”. Aí digo: “era, mas de novo não deu certo, vou tentar depois de velho.” Aí fiquei naquilo, e fui começando por ali, aí naquele tempo, eu pensei em Luiz Mozá, que está bem aqui em Indagóra, estava até aqui em casa, ele sempre ia lá para casa de domingo, porque ele já tocava, mais novo do que eu, mas já tocava, aí ele foi me dando umas dicas, aí eu fui pegando, quando foi em 81, toquei o primeiro ano já, toquei o primeiro ano de reisado, aí





vim de lá para cá, aí de lá eu já passei a tocar para cá, o povo ia buscar lá para Boa Hora, aí o reisado começou a evoluir, já aumentando, mais tiradores, mas nesse tempo os tocadores eram poucos. Era eu, Mozá, Finado Mozá, que Deus o tem em um bom lugar, Finado Cita, que Deus também já levou, Deus já tem em um bom lugar, e Joaquim Ricardo, os tocadores que tinham eram esses, não tinha esse sanfoneiro novo, porque eles mesmos não se interessavam em aprender, os tocadores que tinham eram esses, por isso que o reisado era pouco, aí depois apareceu o velho Bené, também tocou poucos tempos, abandonou, ele abandonou, não queria mais tocar, e aí ficou, a gente vem de lá para cá e até hoje, agora em 2026, ainda toquei ainda.

Lenildo - Ainda vai tocar, né?

Mestre Ambrósio - Não sei, depende, Deus é quem sabe, né?

Lenildo - Esse ano teve você e o Sr. Joaquim, né?

Mestre Ambrósio - Foi. O Joaquim está muito doente, o caboclo velho.

Lenildo - É verdade, parece que foi uma despedida esse ano.

Mestre Ambrósio - Pô, rapaz, sei lá, faz a dó.

Lenildo - Qual o papel da sanfona durante a peregrinação? Dá para ter reisado sem sanfona?

Mestre Ambrósio - Dá não, no reisado não pode ter reisado sem ter a sanfona, porque é o primeiro instrumento dentro do reisado que abre. Como é, você chega numa casa, aí é a primeira que abre é a sanfona para as cantadeiras, as cantadeiras baixam a tolda, quando elas baixam a tolda, vem os caretas, é, junto com a sanfona, aí a gente entra com os caretas para dentro, junto com a sanfona, sai para fora com o mandador, com a sanfona, todo o tempo. A sanfona é o maior instrumento do reisado, é a sanfona.

Lenildo - Hoje em dia, só um instrumento do reisado, em Boa Hora, é a sanfona. Em outros tempos teve outro instrumento ou sempre foi só a sanfona?

Mestre Ambrósio - Nos outros tempos para trás, que teve também outros instrumentos, teve a rebeça, eu não cheguei a ver o reisado tocado com a rebeça, mas que teve. O Fernando Sita me falou que nessa região para cá, para onde ele nasceu, disse que era a rebeça, era um violão, eu quando o alcancei já era com sanfona.

Lenildo - Você já foi parador de promessa também. O que significa dizer que o reisado é uma promessa? O que significa a promessa de reisado?

Mestre Ambrósio - A promessa de reisado é uma coisa muito séria. A pessoa que vai pagar uma promessa tem que entrar com todo o respeito, com todo o carinho, porque uma promessa de reisado é muito pesada. Porque, olha, você entrar numa despesa de um reisado a hoje, que você está acostumado, está com muitos anos que já está aqui, e vê como é que funciona. A despesa de um reisado esse ano era 20 mil. Este ano, 20 mil os componentes do reisado, sem aquele comes e bebe, que é dentro do dia, aquela merenda





da meia-noite, isso aí ninguém fala, o que a gente come. Só a despesa do reisado, o valor é esse. Então, o reisado é muito evoluído e você tem que entrar com muito respeito, porque quando você se apegar com o Santo Reis, você é válido. Às vezes, você está despachado de um médico, você lembra e se apegar com ele e você é válido. Você tem que cumprir aquela promessa com devoção e com o coração, com Deus e Santo Reis. Que foi isso que ocorreu comigo quando eu fiz.

Lenildo - Quando a pessoa faz a promessa, assim, aí para tirar a promessa, você faz a promessa, você apegar, geralmente no momento que a pessoa está passando por um momento difícil, e aí o próximo passo para organizar, como é que acontece essa parte da organização para poder realmente começar a pagar a promessa?

Mestre Ambrósio - Aí você faz, quando você faz a promessa, aí você, que você é válido, é socorrido aquele pedido que você fez, que é válido, aí você vai se organizando. Você tem que se organizar para chegar o tempo de você pagar ela, porque se você entrar desorganizado, você vai passar vergonha, por causa da despesa, que é alta, e aí você tem que se organizar, botar uma reservinha para ali, você bota um bicho para ali, para ter aquela reserva, que às vezes não precisa. Às vezes você tira muito reisada, que não precisa você tirar nada do bolso, porque eu pelo menos já tirei, não precisou. Já não precisou, meu menino aqui tirou, o Chico Ambrósio, que também é careta, né? Ele já tirou, não precisou tirar, porque o reisado depende de você, você não escolher o que você vai fazer, porque tem gente que tira reisada, ele tira duas casas na hora, vai e tira duas no ovo, tira duas no mato seco, aí tira para o São João, ele está tirando de oitavo. Reisado é do jeito que nós tiramos, nós começamos lá no mato seco, no final, e vem de lá para cá, de um lado e do outro, de um lado e do outro, nas avenidas, sem escolher casa, que às vezes você passa, tem gente que vai tirar, não, eu vou tirar na casa de fulano, porque fulano tem condição, é onde ele se perde, e nós não íamos atrás disso, nós íamos cantando os pobrezinhos, que ninguém ia, e aí é onde nós se dava bem, e nós, graças a Deus, nunca tiramos dinheiro do bolso por isso, porque os pobres se botam um, agrada bem, e é o que nós fazíamos, viu? E hoje todo mundo ainda pergunta se a gente ainda tem promessa a pagar, nós pode até ainda entrar no outro reisado, porque tem um rapaz que é irmão de um genro meu, que quer pagar uma promessa e quer vir pagar aqui, nós sendo os coordenadores do reisado, então, se nós ainda entrarmos, o reisado vai ser o mesmo, no mesmo nível que nós tiramos o nosso, sem escolher casa.

Lenildo - Quando o reisado, tem vários componentes, você já falou que a sanfona está presente na cantadeira, no careta, no mandatório, até na dança do boi, a sanfona está lá, já chegou o momento em que a sanfona precisou segurar, porque o careta foi para um lado, e a sanfona foi que trouxe de volta o careta para o outro lado.

Mestre Ambrósio - Chega esse momento, que às vezes você vai, se bota um risco, aí o careta entra no outro rumo e você tem que segurar para ele entrar de novo no limite, ou então você para e entra de novo, tem isso também, acontece.





Lenildo - A sua família, principalmente a sua aqui, mas você tem irmão também que toca, tem sobrinho, então sua família é muito envolvida com o reisado, como foi que começou, quem foi o primeiro da família a entrar para o reisado?

Mestre Ambrósio - A minha mãe e meus tios, Simplício, Rafael que mora lá perto de Cabeceira, e Severino. A mamãe cantava, a tia Bendita também cantava, que mora ali na Vereda Grande, a tia Conceição também mora na Vereda Grande, também cantava. A primeira pessoa que eu trabalhei junto foi meu cunhado Antonio da Paz, Zé Vargas que está doente, foi o cumpadre Reis que já se foi, João Bernaldino, meu cumpadre, foram os primeiros componentes que nós trabalhamos juntos. O trio de careta, Zé Vargas, cumpadre João Bernaldino e o cumpadre Reis, foi esse trio de careta, careta duro, eu ainda meio brabo, que não tinha costume de trabalhar de reisado, mas aí quando eu conversei com eles, eu disse: “não, nós se ajeita.” E até que eu só apanhei mais na primeira noite, porque você sabe que ali é o entrosamento, tudo no mundo tem um entrosamento, aí da segunda noite em diante já encaixou, porque o filho do Antonio da Paz, ele era muito entendido, ele tocava banjo, ele tocava sanfona, tudo ele fazia, e ele era muito entendido, foi onde eu mais penei, foi com ele, não foi nem com o trio de careta, foi com o mandador, porque na hora que era pra ele entrar, ele já botava a voz pra mim entrar, e aí foi onde eu apanhei mais, mas graças a Deus deu certo, e até hoje eu venho de lá pra cá, e vem dando certo.

Lenildo - E os seus filhos, netos, são envolvidos com reisadas?

Mestre Ambrósio - O primeiro foi o Francisco, começou a trabalhar com oito anos, Chico Ambrosio, que ainda vai, está com 52 anos completos, completou agora em abril, mas que ainda vai mais um ano, o próximo ano, 2027, aí vem de lá pra cá, vem ele, vem o Léo, meu neto, vem minhas netas cantadeiras, que hoje eu já tenho dois grupos de cantadeira, que até um grupo vai pro Zé Rezende, é as meninas, aí o outro grupo já vai pro Edicarlos, e o grupo de careta também, onde vai o neto, vai lá pro Zé Rezende, os outros, e o genro, vai pro Edicarlos, e assim eu tenho muito dentro da minha família que trabalha de reisado.

Lenildo - Você já falou aqui, houve algumas mudanças do reisado, como é que houve esse interesse dessas pessoas mais jovens, pelo reisado? Você vê que tem outras culturas que não tem muito jovem participando, tipo São Gonçalo, é mais pouco, do reisado não, você vê que os jovens gostam muito, como é que aconteceu isso?

Mestre Ambrósio - Eles gostam, até que eu fico até sem entender, mas só que eles gostam, porque bem aqui no Ponto de Cultura, eles estão todo o tempo procurando as crianças, que é pra brincar, com a sanfona, com a sanfona ele toca, ele sapatear, pra eles cantarem, é porque eles gostam do reisado, o reisado é muito querido em boa hora.

Lenildo - O que você acha que mudou na época que você começou, nas peregrinações, tinha muita gente, quem era o tipo de pessoa que acompanhava, ou não tinha ninguém que acompanhava, pra hoje, como é hoje as peregrinações?

Mestre Ambrósio - O pessoal acompanhava muito, porque naquele tempo, bem, tinha um reisado do outro lado, né, aí ia ter outro aqui na Boa Hora, o pessoal do outro lado do Rio, não vinha pra cá, às vezes da Boa Hora iam pra lá, porque tinha o Chico Pubeiro, mais o João





Pubeiro, e a família Joaquina, que eles podiam ter reisado aonde tiver, eles iam, eles tinham que ir, nem que passasse, tinha a noite deles ir pra lá, aí voltar pra cá de novo, então o reisado todo o tempo foi bem acompanhado, tanto lá como aqui na Boa Hora, bem acompanhado, o pessoal que gosta, viu.

Lenildo - Vamos ver aqui, eu vi que tem algumas pessoas na boa hora que é reconhecida como um patrimônio vivo, tem uma pessoa que é muito importante pra cultura, o Governo do Estado reconhece, através de edital, e você é uma dessas pessoas que o Governo do Estado reconhece como uma pessoa que é muito importante pra cultura do nosso município. Como é ser reconhecido assim como um patrimônio vivo do reisado?

Mestre Ambrósio - Eu acho que até pela idade, devido ser do mais velho, que vem de lá pra cá, que comecei a trabalhar naquele tempo que o reisado não era evoluído que nem hoje, que é muito. Porque hoje, esse ano mesmo, teve 14 grupos, então aí a diferença e a evolução é isso aí, que aí eu já venho dos antigos, que era diferente do modo de hoje, porque hoje o reisado mudou muito, no modo até de trabalhar, mudou muito, que pra trás as cantigas eram poucas, hoje tem mais ou menos umas 50 músicas de reisada hoje, que eles já fizeram, eles já fizeram de cabeça as músicas, mas só que tem umas que não assentam não, mas tem música que entra dentro do reisado, porque aquela música que fala do reisado, que fala de Santo Rei, ela tá dentro do limite do reisado, então o reisado mudou muito essa parte por isso.

Lenildo - Então hoje tem muita música que fala de outras coisas.

Mestre Ambrósio - Fala de outras coisas, é, e naquele tempo pra trás a música era muito diferente, quando eu comecei a tocar era só a Sabiá, era a Minalvina, o Coqueiro da Bahia veio logo ali atrás, era a Coan, era essas músicas assim, que eu me lembro que quando eu comecei a tocar só existiam quatro músicas, quatro do reisado, aí depois foi evoluindo, que o Coqueiro da Bahia foi o Raimundo Careta quando entrou aqui, que entrou com o Coqueiro da Bahia, e aí veio de lá pra cá, aí veio depois o filho do Martiliano, ali do outro lado do rio, que ele fez muita música trabalhando de careta, e logo ali ele adoeceu de um joelho e parou, mas ficou sempre fazendo a música e botando pros outros cantarem, aí veio de lá pra cá e hoje é muitos caretas que fazem música.

Lenildo - Aí é dificuldade mais a vida do sanfoneiro.

Mestre Ambrósio - O sanfoneiro, todos os anos tem que aprender outro estilo de tocar, porque pelo menos, o meu genro, o Anderson, faz muita música por ano, ele tá em São Paulo agora, mas já mandou que já tem música pra trabalhar em janeiro novamente, música nova, e é assim que vai evoluindo todo o tempo, é a mudança do reisado aqui, é isso, e o reisado aqui hoje não anda mais a pé, mudou muito, viu, essa parte.

Lenildo - O festival, você acha que o festival deu uma mudança, ele ajuda?

Mestre Ambrósio - Ajuda, o festival deu uma grande mudança, porque ali é um dinheiro rápido, que ajuda muito o tirador de reisado, porque o dinheiro que ele ganha lá, ali ele já





paga um, dois trabalhadores, então é muito bom essa previsão do festival que fizeram, é ótimo.

Lenildo - Você acha que o reisado em Boa Hora tá bem preservado? O que é mais importante hoje no reisado pra você, a música, a fé, os personagens?

Mestre Ambrósio - Hoje, hoje é a música e a fé, e os personagens, porque tem muitos personagens que são bons de trabalhar com eles, eles fazem o serviço direitinho, com todo o respeito, isso é bom demais, a gente entrar num grupo de trabalhador, que trabalha decente, entra e sai bonitinho, isso é ótimo pra gente.

Lenildo - Você acha que sem a fé, o reisado não seria desse jeito na Boa Hora?

Mestre Ambrósio - Não, sem a fé não existiria reisado aqui na Boa Hora, porque o sujeito que faz uma coisa pra não ter fé, é melhor se aquietar, que não dá certo, só dá problema.

Lenildo - Como o reisado, você acha que o reisado é considerado um patrimônio, que é importante preservar ele, cuidar dele, pra que ele permaneça vivo?

Mestre Ambrósio - Com certeza, é uma coisa que tem que ser preservada muito bem e ser vista por muitas pessoas, porque o reisado é uma tradição que vem de muitos tempos. Não é da agora, ele vem de antes, porque quando eu nasci, que fiquei grandinho, já eu via, pra aqui, pra lá, não era como hoje, mas a gente já viu o reisado, aí vem de lá pra cá. Então, de 2000 pra cá, já evoluiu muito, muito, porque a nação caiu pra dentro do reisado.

Lenildo - Hoje você já tem 72 anos, qual é o seu papel hoje pra o reisado de boa hora? Além de sanfoneiro, o que mais você faz pra contribuir pro reisado?

Mestre Ambrósio - O que eu posso fazer hoje, pra contribuir com o reisado, é que pra mim eu tô encerrado, não tô querendo mais, porque eu tô com muito problema de coluna, eu já lhe falei ainda agora, quando eu cheguei do serviço, né? Então, pra trabalhar de reisado com a sanfona na frente, a noite toda pesada e sentado, eu acho que não dá mais pra mim, porque a coluna, você sabe, né? Qualquer uma coisinha que você tratejar, que ela descolar um pouquinho, você não aguenta mais a dor, né? Então, eu acho que eu não vou mais trabalhar de reisado. Mas, tem uma coisa que eu quero fazer, é incentivar o pessoal novo, que eu não deixo, nunca deixei. Todo mundo sabe aqui, tem o Samuel, que é o sanfoneiro novo, tem o Gleisson ali, novo, tudo, foi o maior incentivo aqui em casa pra fazerem isso. Hoje, eles já estão tudo feito, eles já estão mais longe. Mas, quando eles estavam em começo, era aqui mais eu, todo o tempo direto. Todo mundo sabe disso. Não é eu dizendo para me engrandecer, é porque eles estavam aqui. O meu irmão aprendeu comigo, com a minha sanfona, o Rafael e tal, estão aí hoje, que já meus filhos não quiseram. O Léo, aprendeu, mas não quis, foi trabalhar foi de careta. E já tá surgindo outro grupinho de gente nova na minha família, de novo. Careta, pequeno, cantadeira, que tem uma menina gêmea da Lícia, que só tem 4 anos. Se você vê elas duas cantando, uma canta e outra responde com um pano numa porta. É uma admiração, acho que você já viu os vídeos dela.

Lenildo - Já vi, já.





Mestre Ambrósio - Já viu, né? Pois é. Então, eu acho que minha família não vai se acabar a gente que trabalha de reisado tão cedo. Com fé em Deus, né?

Lenildo - O que você acha de reisado ser ensinado na escola? Como é uma cultura muito importante em nosso município, você já falou que o jovem gosta, a população gosta, a população tem muita fé. Então, o que você acha de ter também na escola uma disciplina que fale de reisado?

Mestre Ambrósio - Não, pra colégio não é muito bom. A disciplina pra ensinar tem que ser com bem. Nós estamos aqui nesse salão. Aqui é um salão deles. Você sabe que quando dá de junho em diante eles estão por aqui, né? Então, pra eles, é isso aqui. Porque lá na escola é outra coisa, que é pra você ter um sanfoneiro lá. É pra você levar um sanfoneiro pra ser o professor deles lá. Pega bem também, mas desse jeito que eu tô falando, né? Porque ali você pode tirar 30 minutos, 40, uma hora, pra botar aquele grupo que gosta pra fazer aquele serviço lá no colégio. Também pega. Mas não é muito aceito, não. Aceito é aqui. Você pode brincar, descer um boi. Se você não tá aqui, pode descer um boi e brincar. E aí é bom. A juventude nova hoje gosta demais. Eles gostam do reisado.

Lenildo - Então, eu queria agradecer aqui a sua disponibilidade por ter dado essa entrevista pra gente. Deixar você à vontade aqui pra falar alguma coisa que a gente não perguntou aqui. E agradecer demais pelas informações que você tem dado aqui pra gente.

Mestre Ambrósio - Eu só tenho muito a agradecer a Deus por ter chegado. A idade que eu tô e os anos que trabalhei junto com o Santo Reis. Graças a Deus, eu fui muito feliz. Nunca tive problema trabalhando de reisado. Nem comigo, nem com meus companheiros. Fui muito feliz e agradecer a Deus por hoje ainda estar. E agradecer a Deus que hoje tô pronto pra desde 2027 pra frente não vou trabalhar mais receber Santo Reis na minha casa, com fé em Deus, pra ajudar os pagadores de promessa. Eu quero que Deus me dê minha saúde, me ajude.

Tendo minha saúde, eu tenho tudo na minha vida. Porque a gente com saúde a gente corre atrás das outras coisas. Então, o que eu quero que Deus Santo Reis faça comigo é isso aí. Saúde pra mim estar aqui pronto pra receber eles. Com todo o gosto e carinho e amor que eu tenho a Santo Reis.

Lenildo - Muito obrigado, Mestre Ambrósio, pelas informações.

